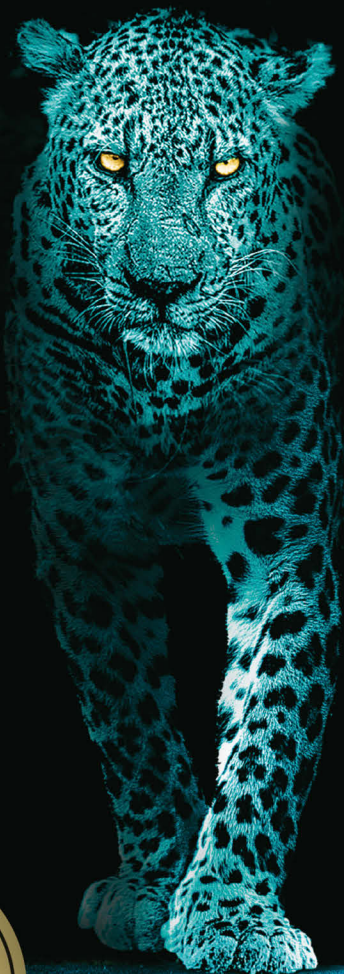


HJORTH & ROSENFELDT

MENTIRAS CONSENTIDAS



SÉRIE
SEBASTIAN
BERGMAN

5 MILHÕES
DE EXEMPLARES
VENDIDOS

SUMA
de letras



PRIMEIRA PARTE

13 de Outubro

Sonho contigo.

Quase todas as noites desde que comecei.

Que pensarias, se soubesses?

Sobre o que estou a fazer.

Provavelmente, mal.

Pedir-me-ias para parar.

Eras uma pessoa melhor do que eu sou.

Mas, esta noite, pediste-me para te salvar.

Para vos salvar aos dois.

Não consegui.

Nem no sonho consegui.

Por isso, faço o que posso.

Penso fazê-lo outra vez.

Esta noite.

A quinta.

A Klara Wahlgren.

Outubro chegara e trouxera o Inverno consigo.

Fora um ano singular, em termos meteorológicos.

A Primavera só começara verdadeiramente no final de Maio. Tinha caído neve tanto nos chapéus de feltro dos estudantes finalistas, durante a celebração tradicional e muito frequentada da noite de Santa Valburga, como nos desfiles consideravelmente menos movimentados do 1.º de Maio, na tarde seguinte. O Verão fizera-se esperar até ao final de Junho e, na semana a seguir ao solstício, a temperatura passara, pela primeira vez, ligeiramente dos vinte graus, mas, por outro lado, o calor mantivera-se até meados de Setembro.

Depois, quase não houvera Outono.

No dia 8 de Outubro, ela estava de volta. Um manto fino como pó branco surpreendera os habitantes de Uppsala, quando, nessa manhã, subiram as persianas. Pouco mais de quatro meses sem neve dera, naturalmente, pano para mangas aos que negavam as alterações climáticas.

«Não me parece nada que o planeta esteja a ficar mais quente, se querem que vos diga.»

«Mas ninguém te perguntou nada», era o que Klara tinha vontade de responder de cada vez que ouvia a frase já gasta e via o sorrisinho de satisfação que habitualmente a acompanhava.

As alterações climáticas eram bem reais.

Três anos de Ciências do Ambiente, em Lund, e um mestrado em Desenvolvimento Sustentável, em Uppsala, davam a Klara essa certeza. Anos de investigação pelo mundo deixavam as coisas bem claras, independentemente do que se pudesse ver da janela da cozinha, em Outubro.

«Mas está mesmo frio», pensou Klara ao sair do edifício onde decorria o curso, poucos minutos antes das nove da noite, e apertou a gabardina demasiado fina. Como de costume, ficara até mais tarde para limpar e arrumar as coisas, depois de o último aluno sair.

Estofamento de móveis.

Das 18h30 às 20h30, com início a 15 de Setembro.

Nove sessões.

Naquela noite, encontraram-se para a quinta sessão. Klara sentia uma grande satisfação ao observar a evolução de todos os participantes. Adorava organizar aqueles cursos.

Era o quarto ano.

Antes de começar a descer a rua Östra Ågatan, confirmou mais uma vez que a porta atrás de si estava trancada. O frio fazia-a estugar o passo. O seu telemóvel tocou. Klara retirou-o do bolso e respondeu com um pequeno sorriso de surpresa.

– Então, amor, não estás a dormir?

– Quando é que vens para casa? – perguntou Victor com a voz sonolenta. Klara viu-o sentado no sofá, com o seu pijama do Homem Aranha, os dentes escovados, o cabelo despenteado, a lutar para manter os olhos abertos.

– Estou a ir para o carro agora, por isso, chego daqui a quinze, vinte minutos. Querias alguma coisa especial?

– A ferida.

Na semana anterior, antes de a neve cair, durante uma aula de Educação Física na escola, o filho participara numa prova de orientação e, ao tropeçar, caíra em cima de uma espécie

de sucata enferrujada que alguém deixara na floresta e cortara-se na barriga da perna. Precisara de cinco pontos. O penso tinha de ser mudado todas as noites.

– Não pode ser o pai a fazer isso?

– Tu sabes fazer melhor.

Klara suspirou em silêncio. Era sempre bom ser apreciada e desejada, mas ela e Zach tinham dividido a licença parental em partes iguais e ele estivera tão presente quanto ela durante os primeiros anos do filho, por vezes até mais, mas, mesmo assim, quando se tratava de... de quase tudo, na verdade, Victor chamava mais pela mãe. Klara percebia que Zach ficava um pouco magoado por ser sempre a segunda escolha.

– Mas eu agora não estou em casa e tu tens de ir dormir – tentou convencê-lo Klara enquanto virava para a rua Ångkvarns-gatan.

– Então e a ferida?

– Deixa o pai tratar disso e vai-te deitar. Se estiveres acordado quando eu chegar e não estiver bem, faço-o outra vez.

A sugestão foi recebida em silêncio, como se o menino de oito anos estivesse a tentar perceber se estava a ser, de alguma forma, enganado.

– Combinamos assim? – perguntou-lhe Klara.

– Está bem...

– Boa. Um beijinho, até amanhã.

Klara terminou a chamada e voltou a colocar o telefone no bolso, mas não retirou a mão. Estava mesmo frio.

Teria feito a coisa acertada?

Se Victor estivesse acordado quando ela chegasse a casa, se lhe mudasse o penso, isso não seria admitir que Zach não o fazia tão bem quanto ela? Deveria ter sido mais dura? Deveria ter dito que era o pai que ia tratar do penso e que o que ele tinha de fazer era deitar-se a seguir, ponto final?

Não lhe apresentar alternativas.

Recusar-se a mudar o penso outra vez.

Provavelmente.

«Na melhor das hipóteses, Victor estará a dormir quando eu chegar a casa e poderei assim evitar o problema», pensou Klara enquanto virava para o parque de estacionamento.

Havia seis lugares no pátio interior quadrangular. Dois pertenciam à associação educativa. O seu *Polo* azul, na esquina mais distante, era o único carro que continuava ali.

Klara deteve-se.

Estava escuro.

Mais escuro do que o habitual.

Os edifícios em volta, às escuras àquela hora, eram todos de escritórios e associações. Costumava ser assim, mas, naquela noite, até os dois candeeiros das fachadas exteriores estavam apagados. Klara não sabia onde se encontravam os interruptores, mas pensou que alguém devia tê-los desligado por engano.

Contudo, não era esse o caso, constatou ao aproximar-se do carro enquanto os seus olhos se adaptavam devagar à escuridão. Exactamente por baixo da estrutura de ferro que segurava um dos candeeiros, junto à fachada e próximo do seu carro, viu estilhaços de vidro.

O candeeiro estava partido.

Ou ter-se-ia, de alguma forma, soltado do suporte, caído e partido ao embater no pavimento? Mas, uma vez que ambas as luzes estavam fundidas, provavelmente alguém se divertira a parti-las. Apesar de Klara ainda se considerar nova, deu por si a pensar: «Coisas de adolescentes, de certeza.» Talvez fosse mais um desejo. Que o vandalismo e outros comportamentos desregradados estivessem apenas ligados a uma certa imaturidade. Os sinais em toda a sociedade apontavam cada vez mais para que não fosse isso.

Klara retirou do bolso as chaves do carro. Os piscas do *Polo* acenderam e apagaram duas vezes e os espelhos retrovisores

deslizaram para a posição de condução com um zumbido suave. Estava prestes a colocar a mão no puxador da porta, certamente gelado, quando um ruído chamou a sua atenção e um arrepio instintivo lhe percorreu o corpo.

Passos leves atrás de si.

Não estava sozinha.

Num abrir e fechar de olhos, viu uma sombra negra refletida na janela do carro.

Distorcida. Grande. Próxima.

Sem pensar, Klara deu um passo rápido para o lado, ao mesmo tempo que se virou. Em vez de conseguir aproximar-se pelas suas costas, o grande vulto escuro acabou ao seu lado, contra o carro. Teve tempo de reparar no capuz preto e na cara coberta, antes de o som a surpreender, alto e penetrante.

Como um alarme.

Klara demorou alguns segundos a aperceber-se de que era ela quem gritava.

A figura à sua frente pareceu sobressaltar-se com a intensidade da sua voz. Mas isso só deu mais força a Klara.

Nem lhe passou pela cabeça tentar fugir, correr dali para fora.

Defender-se-ia.

A qualquer preço.

Algures no seu subconsciente, pairava a informação que ouvira sobre oferecer a maior resistência possível num eventual ataque e foi isso, exactamente, o que Klara fez. Socou e pontapeou. Debateu-se com os braços e as pernas. Acertaram no corpo do atacante. Com força. Uma e outra vez. Cega e furiosamente. Ao mesmo tempo que continuava a gritar.

Klara não soube quanto tempo aquilo durou, talvez alguns segundos, mesmo que lhe tivesse parecido muito mais tempo, até ver o atacante recuar alguns passos e deixar o local a correr na direcção da entrada do parque de estacionamento e depois para a esquerda, para a rua Ångkvarnsgatan.

Klara ficou onde estava. A respiração ofegante, entrecortada. Teve tempo para pensar que os gritos deviam ter-lhe danificado algo na garganta, antes de as forças a abandonarem e ela deslizar para o chão, quase sem sentir o frio e a humidade que de imediato atravessaram as suas calças. A respiração ofegante transformou-se num gemido surdo. Olhou fixamente para o chão. Em seguida, viu, no asfalto, junto ao carro, um pequeno objecto comprido.

Uma seringa cheia de líquido.

Ia ser anestesiada.

Anestesiada e violada.

Exactamente como Ida.

Sentiria falta da Riksmord?

Vanja apercebeu-se de que se colocava muitas vezes aquela questão. Como naquele preciso momento, enquanto preparava uma chávena de chá na cozinha do pequeno apartamento de duas assoalhadas, na avenida Norbyvägen, que um dos colegas de Uppsala lhe subarrendara. Por um ano, para começar, enquanto ele trabalhava em Haia numa parceria com a União Europeia contra o tráfico de seres humanos. Cinquenta e dois metros quadrados onde Vanja não conseguia, de repente, apontar um único móvel ou objecto escolhido por ela, se tivesse mobilado ou decorado o apartamento sozinha, à excepção talvez da televisão de setenta e cinco polegadas que dominava a parede em frente do sofá gasto de pele preta. Quando se arrendava um espaço já mobilado, era assim. Vanja aguentaria aquilo durante um ano. Se ficasse mais tempo, teria de arranjar outra coisa. Algo próprio.

Sentiria falta da Riksmord?, pensou enquanto retirava a saqueta de chá de dentro da chávena com uma imagem da *Guerra das Estrelas* e a atirava para o lava-loiça.

Não da unidade em si, nem mesmo do trabalho. O que estava a fazer em Uppsala era, no mínimo, igualmente interessante. Não

obstante, sentia falta dos colegas. Depois de estar longe deles há alguns meses, apercebia-se agora de que eram mais seus amigos do que colegas de trabalho. Talvez os seus únicos amigos.

À excepção de Sebastian, portanto.

Sebastian não era um amigo.

Vanja abriu o frigorífico, deitou leite na chávena e levou-a para a pequena sala de estar, onde o seu computador portátil estava ligado em cima da mesa de vidro fumado do IKEA.

Prometera a Torkel que regressaria.

Quando conseguisse pôr a sua vida em ordem.

Fosse o que fosse que isso quisesse dizer.

Continuava sem manter nenhum contacto com Anna. Nesse aspecto, nada se alterara. A mãe mentira-lhe a vida inteira e quando, finalmente, a verdade viera à luz, traíra Vanja novamente, ao contactar Sebastian nas suas costas. E, ainda pior, fora para a cama com ele.

Tinha falado com Valdemar algumas vezes. Telefonemas breves e impessoais sobre a mudança, a nova cidade e os novos colegas. Não a fora visitar. Embora Valdemar tivesse deixado Anna para poder reparar a sua relação com Vanja e tivesse sido o seu pai durante toda a sua infância – aquele de quem ela fora mais próxima e que amara mais do que a qualquer outra pessoa –, não tinham conseguido reaproximar-se.

Isso magoava-a.

Deixava-a zangada.

O facto de Sebastian ter conseguido destruir uma das poucas coisas que tinham mesmo significado alguma coisa na sua vida. Talvez conseguissem aproximar-se um do outro novamente, nos seus novos papéis. Porém, a investigação que decorria sobre os crimes económicos e a tentativa de suicídio de Valdemar ainda representava um obstáculo, apercebeu-se Vanja.

Era tudo uma confusão.

A sua vida.

Muito, muito longe de estar em ordem.

A única coisa que realmente funcionava era a sua relação com Jonathan. E era cada vez melhor. A viagem de férias, que começara em Copenhaga e os levara a mais cinco países da Europa, fora tudo o que Vanja esperara. Jonathan mostrara uma certa preocupação por Vanja precisar apenas de companhia, não necessariamente dele, mas não levara muito tempo até essa preocupação se revelar infundada. Depois do Verão, Jonathan falara sobre um futuro em conjunto como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Jonathan não ficara empolgado com a mudança de Vanja para Uppsala, porém, estavam apenas a quarenta minutos de comboio um do outro e Vanja ia a Estocolmo sempre que podia. Quando lá ia, ficava em casa dele, pois subarrendara o seu apartamento da rua Sandhamngatan.

Por isso, tudo estava bem com Jonathan, e a Sebastian não o via desde que ele a deixara na garagem subterrânea do edifício de *Waterfront*, há mais de três meses. Vanja sabia que ele ficara ferido, numa louca viagem de carro com uma bomba no interior, com algumas costelas e um braço partidos, segundo Ursula. Vanja não sabia mais do que isso.

E, mais do que isso, também não queria saber.

Quanto menos espaço Sebastian Bergman ocupasse na sua vida, melhor. Estava certa de que o mesmo se aplicava a todas as outras pessoas.

Então, deixou de pensar nele, afundou-se no sofá e voltou a concentrar-se na transcrição da denúncia de Therese Andersson à Polícia, enquanto sorvia pequenos goles da bebida escaldante.

A queixosa deixa uma festa, no número 23 da rua Molngatan, pouco antes da uma e meia da manhã, no dia 4 de Outubro, e decide ir a pé para casa, na rua Almqvistgatan, a pouco mais de um quilómetro dali. Foi pela rua pedonal até à praça Liljefors

Torg e, quando passou pela escola de Liljefors, ouviu passos cada vez mais perto e depois alguém a agarrou por trás e sentiu uma picada no pescoço.

Vanja, a denunciante, sabia que não podia esperar que todas as denúncias fossem transcritas numa linguagem perfeita, estava até bastante segura de que as que o eram representavam uma minoria, e aquela era bem a prova disso. Procurou pelo nome de quem a redigira. Inspector estagiário Oscar Appelgren. Ou seja, alguém ainda em formação. Mas, uma vez que a linguística não fazia parte do plano de estudos da Academia de Polícia, as probabilidades de aquilo melhorar eram bastante baixas. Vanja suspirou profundamente e continuou a ler.

Depois disso, não se lembra de nada até acordar deitada no chão, entre alguns arbustos, ao lado da rua pedonal. A saia estava puxada para cima, os *collants* rasgados e a queixosa tinha uma espécie de saco na cabeça. A queixosa levanta-se e vai para a rua Vaksalagatan, onde pede ajuda. Então já eram mais ou menos duas e meia.

O hospital chama a Polícia e um exame médico mostra um sangramento genital, depois de penetração, e restos de esperma. Uma análise ao sangue mostra restos de *Flunitrazepam* no sangue.

Vanja fechou o documento excessivamente descritivo, pegou na chávena de chá e recostou-se no sofá.

Ataque seguido de violação na forma consumada.

Estes casos representavam uma proporção mínima das queixas de violação registadas anualmente. Na grande maioria dos casos, as vítimas e os agressores eram conhecidos ou próximos e o crime acontecia em casa de um deles. Porém, os primeiros recebiam muita atenção dos *media*, o que levava as pessoas

a acreditar que aconteciam com mais frequência do que na realidade. Até àquele momento, pouco se escrevera sobre o que acontecera a Therese. Não obstante, essa atenção aumentaria se alguém comesçasse a interessar-se seriamente pelo assunto.

A verdade é que ela não era a primeira vítima.

Vanja voltou a inclinar-se para a frente, pousou a chávena na mesa e pegou no relatório do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses.

Não dava muito mais informação.

Pegadas de um sapato de ginástica da marca *Vans*, modelo *UA-SK8-Hi MTE*, marcadas na terra, por baixo dos arbustos, e o ADN extraído da amostra de esperma, mas o agressor não aparecia em nenhuma base de dados. Por outro lado, as provas eram compatíveis com outras relativas a uma violação ocorrida apenas um mês antes.

Ida Riitala, trinta e quatro anos de idade.

Atacada no antigo cemitério no dia 18 de Setembro.

A mesma cidade, o mesmo *modus operandi*.

Um agressor que a atacara por trás injectara um líquido anestésico no pescoço da vítima, colocara-lhe um saco de juta na cabeça e levava a cabo a agressão enquanto a vítima estava inconsciente.

O telefone tocou e Vanja lançou um olhar rápido para o visor.

A sua nova chefe. Anne-Lie Ulander.

Eram quase nove e meia. O que significava mais trabalho. Vanja atendeu a chamada.

– Olá, diz.

A conversa durou pouco mais de trinta segundos antes de Vanja desligar o computador, levantar-se e deixar o apartamento. Se tinham alguma dúvida de que estavam a lidar com um violador em série, agora tinham deixado de as ter.

Havia uma terceira vítima.

Klara estava encolhida no sofá. Apesar de ter três camadas de roupa na parte superior do corpo e de estar enrolada numa manta, sentia frio. Parecia não conseguir aquecer. Como se o frio do pátio interior escuro a tivesse seguido até casa, como uma segunda pele. Agarrava com firmeza na chávena de chá com as duas mãos enquanto contemplava a mulher com o bloco de notas, sentada na outra ponta do sofá, inclinada para a frente.

Anne-Lie Ulander. Comissária da Polícia Judiciária.

Klara achou que ela mais parecia uma advogada famosa, de alguma série televisiva norte-americana, com o seu vestido vermelho elegante, simples mas indubitavelmente caro, e o cabelo escuro que lhe dava pelos ombros, com um penteado descontraído, mas que Klara desconfiava não o ser de facto.

– Roupa preta, capuz na cabeça e algo que lhe cobria a cara. Recorda-se de mais alguma coisa em relação a ele?

Klara encarou o olhar compassivo de Anne-Lie e abanou a cabeça.

– Tem alguma ideia da altura dele?

Klara reflectiu alguns segundos. Ao mesmo tempo que estava segura de que nunca conseguiria esquecer o que acontecera, pois os acontecimentos daquela noite ficariam registados

para sempre na sua mente, as memórias pareciam-lhe estranhamente imprecisas e incoerentes. Como se o seu cérebro estivesse a tentar protegê-la, não permitindo que se lembrasse de muitos detalhes.

– Não sei. Mais alto do que eu.

– E que altura tem?

– Um metro e sessenta e nove.

Anne-Lie tomou nota da última informação no curto relato de Klara sobre o desenrolar dos acontecimentos no pátio interior. Assim que Vanja chegasse, iria para o local do crime. Carlos já lá estava e era um bom agente, mas não podiam dar-se ao luxo de cometer o mais pequeno erro. Três ataques no espaço de um mês. Havia um homem muito perigoso à solta pelas ruas.

– Ele acordou quando eu cheguei a casa – disse Klara, em voz baixa. Anne-Lie levantou os olhos das suas notas e seguiu o olhar de Klara até à cozinha, onde um homem estava sentado à mesa com um rapaz, que vestia um pijama do Homem Aranha, ao colo. – Tinha adormecido, mas deve ter-nos ouvido, percebeu que se passava alguma coisa...

– Quer que fale com ele?

Klara desviou os olhos do marido e do filho e, com ar inquisitivo, virou-se para Anne-Lie.

– Para lhe dizer o quê?

– Que idade tem?

– Oito.

– Posso dizer que estamos a falar consigo, porque viu uma coisa, não porque lhe aconteceu alguma coisa. Desdramatizar um pouco a nossa presença.

– O Zach já o fez. Disse-lhe que uns adultos maus estavam a lutar à porta da escola e eu fiquei um pouco assustada...

Klara parou de falar quando ouviu a porta da rua abrir-se e sentiu todo o corpo ficar tenso. Anne-Lie reparou na sua reacção e pôs-lhe uma mão no braço para a tranquilizar.

– É a minha colega – explicou-lhe. Klara virou-se para a porta da sala de estar e, com o olhar, seguiu a mulher mais nova que entrou na sala e se apresentou como Vanja Lithner.

– Klara Wahlgren – respondeu com a voz rouca. Doía-lhe a garganta cada vez mais. Algo devia estar magoado. Talvez devesse ir ao hospital. Embora não o tivesse feito na altura, logo de seguida. Como, na verdade, não lhe acontecera nada.

Pelo menos, não aquilo que poderia ter acontecido.

Voltou a sentir um calafrio e bebeu mais um gole de chá. A bebida quente não conseguiu mitigar as dores na garganta nem aquecê-la, mas Klara continuou a beber. Chá de camomila, da sua chávena «Melhor mãe do mundo», sentada no sofá depois de chegar a casa do curso.

Era o normal.

Estava segura.

A nova agente da Polícia despiu o casaco e sentou-se, ao mesmo tempo que lhe perguntava como estava. Klara limitou-se a encolher os ombros. Como estava? Não sabia. Os pensamentos atropelavam-se. Sentia-se completamente esgotada, agora que a adrenalina já não lhe inundava o sangue, mas, mesmo assim, parecia que o corpo continuava em estado de alerta extremo.

Anne-Lie levantou-se do sofá e entregou o seu bloco de notas a Vanja.

– Tenho de ir ao local do crime, mas a minha colega Vanja substitui-me. – Pegou num cartão-de-visita e colocou-o em cima da mesa de centro. – Se precisarem de ajuda, alguma pergunta que queiram fazer, entrar em contacto com o hospital, seja o que for, é só ligar.

– Obrigada.

Por um instante, Anne-Lie colocou a mão no ombro de Klara, antes de dirigir a Vanja um «Falamos mais logo» e deixar a sala e o apartamento. Klara viu-a sair. Na parede ao lado da porta que dava para o corredor, estava pendurada uma fotografia. Ela, Zach

e Victor. No ano anterior, em Creta. Tinham encontrado uma pequena aldeia, chamada Loutro, no lado sul da ilha. Não havia caminhos para lá, era preciso ir de barco. Cerca de cinquenta casas espalhadas em semicírculo em volta da baía de águas transparentes. Alguns pequenos restaurantes e hotéis. Havia muito pouco para fazer, além dos banhos de mar e de sol e de se relaxar.

As férias perfeitas.

A vida perfeita.

Será que alguma vez conseguiria sentir isso novamente?

Por baixo da moldura, estava uma poltrona que ela própria estofara. Deixou o olhar repousar no padrão florido, quando se lembrou de algo. Já pensara naquilo na altura, quando estivera sentada no chão, mas depois esquecera-se.

– Foi o mesmo que atacou a Ida?

Vanja olhou-a, surpreendida, levantando os olhos do bloco de notas.

– A Ida Riitala?

Klara assentiu.

– Foi o mesmo atacante?

– Conhece-a? – perguntou Vanja, imediatamente interessada, em vez de lhe responder. Na melhor das hipóteses, o facto de duas das vítimas se conhecerem poderia ajudar a limitar a busca do agressor. Ainda que também pudesse não ter qualquer significado. Poderia ser uma mera coincidência. Mas... e se tivesse partido as luzes da fachada e esperado por ela? Porém, não sabiam ao certo se tinha sido o agressor a parti-las. Talvez tivesse simplesmente visto Klara sair da associação educativa, tivesse decidido segui-la, a tivesse visto entrar no pátio interior vazio e escuro e aproveitado a oportunidade.

Contudo, ela conhecia Ida Riitala.

– Como é que a conhece?

– Costumávamos cantar no mesmo coro. Somos amigas.

– Calou-se, mas parecia que tinha algo mais para dizer. Vanja

esperou. – Pelo menos, no Facebook – continuou Klara depois de parecer ponderar no tipo de relação que tinham realmente. – Não nos encontramos com muita frequência...

– E uma Therese Andersson, também conhece? – quis saber Vanja.

– Não, quem é?

– É mais ou menos da sua idade, trabalha como consultora de medicina preventiva, mora na rua Almqvistgatan com o seu companheiro Milo Pavic.

Klara abanou a cabeça.

– Tenho aqui uma fotografia.

Vanja costumava ter no telemóvel fotografias dos que faziam parte das suas investigações. Não estava certa de isso ser inteiramente compatível com as leis e regras relativas à protecção de dados pessoais, mas era prático e ajudava-a no seu trabalho, por isso, nem se preocupava em inteirar-se da legislação.

Percorreu a galeria até encontrar uma fotografia de Therese e mostrou-a a Klara, que, depois de lançar um olhar rápido para o visor, voltou a abanar a cabeça.

– É por isso que vieram as duas aqui? – Fez um gesto com a cabeça para o lugar no sofá onde Anne-Lie estivera sentada.

– Pensei que talvez viesse algum... sabe o que quero dizer, um polícia normal, pelo menos. Estamos sempre a ouvir que vocês não têm tempo nem recursos para todas as investigações.

Vanja reprimiu um suspiro audível. Estava cansada de ver que a confiança na Polícia era cada vez menor e que, de ano para ano, a imagem de uma instituição ineficaz, com poucos recursos e, nalguns casos, incompetente, se cimentava cada vez mais junto do público. Mesmo que, em certos casos, infelizmente, isso fosse verdade.

– Os crimes violentos têm prioridade, mas, sim, estamos aqui porque pensamos que a pessoa que a atacou pode já ter atacado outras mulheres aqui em Uppsala.

– Como no caso do Homem de Haga.

Desta vez, Vanja não conseguiu reprimir o suspiro. Ela própria pensara o mesmo quando recebera a chamada de Anne-Lie.

O chamado Homem de Haga, condenado por duas tentativas de homicídio, quatro violações, duas das quais com extrema violência, e dois casos de tentativa de violação, mas suspeito de mais uns quantos ataques na cidade de Umeå, entre 1998 e 2005. Sete anos. Sete anos até conseguirem apanhá-lo.

Demasiadas vítimas.

Demasiado sofrimento.

Demasiado medo.

– Vamos apanhá-lo muito antes de se assemelhar ao caso do Homem de Haga. – Não havia dúvida nenhuma de que Vanja estava a ser sincera ao proferir aquelas palavras. Klara pareceu não reagir, deixou apenas o olhar vaguear de novo para a cozinha. Até à família.

– Já estamos a terminar? – perguntou a Vanja. – Já começa a ficar tarde...

– Claro, se não se lembra de mais nada...

– Não.

– Se se lembrar, é só ligar – respondeu Vanja, levantando-se e vestindo o casaco.

Klara também se levantou, mas não fez nenhum gesto que mostrasse que acompanharia Vanja à porta. Em vez disso, foi para a cozinha e, sem proferir uma única palavra, pegou no filho, que estava meio a dormir. Ele envolveu-a com os braços e afundou o nariz no seu pescoço. Zach levantou-se e, com uma mão suave nas suas costas, dirigiram-se os três para o quarto.

A pequena família.

Klara perguntou-se se alguma vez voltaria a sentir sono.

Se alguma vez teria coragem de fechar os olhos. Se ousaria descontrair-se.

Naquele momento, parecia-lhe impossível.

Carlos Rojas tiritava de frio e, sem parar de bater com os pés no chão fora do perímetro vedado, observou os elementos da Polícia Científica a movimentarem-se cuidadosamente em volta do único carro estacionado no pequeno pátio interior. Vestira-se com bastante roupa quando recebera a chamada. Gorro, luvas, cachecol, várias camadas de roupa por baixo do casaco, até tinha ido buscar sapatos mais quentes ao sótão.

Mesmo assim, estava com frio.

As pessoas que ouviam o seu nome e viam o seu cabelo e tez escura pensavam que era por ser espanhol, que não estava habituado ao clima nórdico. O que não era verdade. Vivera na Suécia toda a sua vida. A mãe conhecera o pai numa viagem de férias a Málaga, trinta e oito anos antes, e mudara-se com ela para a Suécia, onde tinham tido Carlos e as suas duas irmãs. Por isso, não era por ter passado a infância na Espanha soalheira que fazia que não estivesse bem preparado para o frio. Era simplesmente assim.

E não era apenas no Inverno.

Sentia sempre frio.

Bateu palmas com as mãos cobertas pelas luvas e deu alguns saltos rápidos. Não surtiu efeito nenhum.

Carlos soube que Anne-Lie estava a chegar, ainda antes de a ver. Nos seis anos em que trabalhara com ela, como sua chefe, aprendera a reconhecer o som dos seus passos. Sempre de sapatos ou botas de salto alto.

Sempre bem vestida.

Estilo simples, clássico, caro.

As suas roupas transmitiam uma autoridade evidente.

Aquela noite não era excepção. As botas pretas pelo joelho, o vestido vermelho visível por baixo do sobretudo preto de botões duplos, da marca *Hope*, e o colorido cachecol de pura lã à volta do pescoço. A moda era um interesse que partilhavam. Carlos não conseguia compreender as pessoas que não se interessavam por ela. O que alguém vestia dizia mais sobre essa pessoa do que a maioria pensava ou talvez quisesse admitir. Não tinha nada que ver com dinheiro. O estilo não precisava de ser caro. Ou se tinha ou não se tinha. Como, por exemplo, a sua nova colega, Vanja Lithner: boa polícia, uma pessoa muito correcta, mesmo que não tivesse grandes dotes sociais, mas era evidente que não dedicava nem três minutos por semana a pensar na roupa que deveria vestir ou comprar.

– Estás com frio? – perguntou-lhe Anne-Lie quando se aproximou dele e viu os seus ombros encolhidos.

– O que é que achas?

– Acho que vais ter um Inverno difícil, ainda só estamos em Outubro – respondeu-lhe com um sorriso antes de se virar para o cenário do pátio interior. – O que temos até agora?

– Pegadas. Parecem ser da mesma marca e tamanho que nos outros sítios, mas, desta vez, ele deixou cair a seringa.

– Conseguiremos localizá-lo através dela?

– Temos de esperar para ver.

– Encontraram algum saco de juta?

Carlos abanou a cabeça. Anne-Lie virou-se e olhou para os dois lados da rua.

– Não há câmaras de vigilância?

– Nenhuma aqui nesta rua, mas há uma na rua Östra Ågatan. Já requisitei todas as gravações a partir das 20h30.

– Ótimo.

– E mais uma coisa...

– O quê?

– Os candeeiros na fachada. Telefonei às pessoas que têm os lugares reservados ali. – Carlos apontou novamente para o pátio iluminado pelos técnicos. – Um tal Frederik Filipsson veio buscar o carro e saiu pouco depois das oito, dizendo que estavam os dois a funcionar.

– Então, ele esperou por ela.

– Parece que sim.

– Porque a conhecia.

– Pode tê-la seguido durante algum tempo. Ela estaciona aqui todas as quintas-feiras e volta sempre mais ou menos à mesma hora. Exactamente como Ida Riitala, que fazia sempre o mesmo desvio pelo cemitério depois dos treinos.

Anne-Lie suspirou de novo. Virou as costas a Carlos e olhou na direcção do canal do rio Fyrisån e do campo de futebol universitário, para lá das águas escuras e geladas. Adorava o seu trabalho. Em todos os aspectos, mas não queria dedicar-se a isso. Tinham de resolver o caso, e depressa. O ideal era que Anne-Lie pedisse amostras de ADN a todos os homens de Uppsala com mais de quinze anos.

– Três casos em menos de um mês.

Era uma constatação. Ainda assim, Carlos respondeu.

– Exacto.

– Ele não vai parar.

– Pois não.

– As mulheres vão ficar com medo de andar na rua.

– Com mais medo.

Anne-Lie assentiu. Era a realidade e um problema social. As mulheres tinham medo de andar sozinhas na rua. Em todas

as cidades, em todo o lado. De acordo com um estudo do Instituto de Prevenção Criminal, mais de um quinto das mulheres já alguma vez na vida evitara sair de casa por medo. A liberdade de movimentos das mulheres ficava condicionada e as suas possibilidades limitadas. Isso quando a situação era «normal».

Sem haver um violador em série à solta.

– Temos de fazer tudo o que estiver ao nosso alcance – disse Anne-Lie, e virou-se novamente para Carlos.

– Queres mais pessoal?

– Quero outro pessoal.

E, com este comentário, foi-se embora. Carlos continuou a ouvir os seus saltos altos, mesmo depois de a ter perdido de vista. Não sabia ao certo o que ela quisera dizer com «outro pessoal», mas tinha a certeza de que o descobriria em breve.

Quando Anne-Lie decidia uma coisa, era isso que se fazia.

A SÉRIE POLICIAL NÓRDICA DE MAIOR SUCESSO INTERNACIONAL

UM THRILLER SEBASTIAN BERGMAN

«Este novo caso manterá os leitores a tentar adivinhar o desenlace. Hjorth & Rosenfeldt tornam o jogo psicológico mais elegante. Bergman continua a irritar e a fascinar.»

Gooi & Eemlander (Holanda)

«Este novo volume é tão brilhante quanto os anteriores. Carregado de *suspense* desde a primeira página. Um enredo cheio de surpresas e personagens muito bem construídas.»

Litteratursiden (Dinamarca)

«Hjorth & Rosenfeldt só conseguem escrever romances policiais surpreendentes e emocionantes.»

Neue Westfälische (Alemanha)

«Os fãs lêem estas páginas de uma assentada. Um conselho: leiam esta série por ordem cronológica!»

Neue Presse (Alemanha)

«Duro e absolutamente emocionante, como os seus guiões.»

Hörzu (Alemanha)

«Mais uma história magnífica, com um investigador muito especial.»

Brigitte (Alemanha)

«Hjorth & Rosenfeldt são mestres a criar *suspense* e enredo. São particularmente habilidosos no jogo psicológico.»

Upsala Nya Tidning (Suécia)

«*Suspense* de alto nível.»

Göteborgs-Posten (Suécia)



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897875854



9 789897 875854 >